

Seção Leituras

CASA GRANDE E SENZALA: ANTAGONISMOS EQUILIBRADOS E IDENTIDADE CULTURAL

CASA GRANDE & SENZALA: EQUILIBRATED ANTAGONISMS AND CULTURAL IDENTITY

Marco Henrique Zambello⁵⁵

O pensamento sociológico de Gilberto Freyre deve ser compreendido a partir de seu tempo, tomando como referência as transformações sociais e políticas do Brasil e que influenciaram decisivamente seu mais importante trabalho: *Casa-Grande & Senzala*. Esta obra também é apontada como uma das mais importantes obras sociológicas brasileiras da década de 1930, ligadas à industrialização e à urbanização, impulsionadas pelo crescimento econômico do país, a partir de um contexto em que se buscou constituir as bases de um ideário para a modernidade, tentativas de caracterizarem a identidade do brasileiro e da nação.

Ao iniciarmos a análise do capítulo *O Escravo Negro na Vida Sexual e de Família do Brasileiro*, devemos apontar uma contribuição de Gilberto Freyre, que é a de introduzir no pensamento sociológico brasileiro a separação entre raça e cultura. Discussão que está muito presente em sua obra, tornando clara sua posição frente às teorias antropológicas de caráter racista, sendo Nina Rodrigues um dos autores criticados e com quem mantém diálogo direto acerca do tema.

Nesse capítulo, Freyre parte justamente da apresentação dos qualificativos do negro, procurando desmistificar todos os atributos negativos,

⁵⁵ Possui graduação em Ciências Sociais e mestrado em Sociologia pela Universidade de São Paulo (2001 e 2005). Atualmente faz doutorado na Universidade Estadual de Campinas, na área "Política, Memória e Cidade". Tem experiência com Sociologia do Trabalho e estuda os seguintes temas: história oral e memória; sindicalismo brasileiro e movimentos grevistas; patrimônio histórico e urbanização.

tomando como mais importante seus traços culturais, suas tradições trazidas da África e suas contribuições na formação econômica brasileira, da cultura e da própria família brasileira. O negro tem traços culturais, morais e físicos, que se destacam frente aos dos portugueses e dos índios, o que o coloca no papel de civilizador:

*Os escravos vindos das áreas de cultura negra mais adiantada foram um elemento ativo, criador, e quase que se pode acrescentar nobre na colonização do Brasil; degradados apenas pela sua condição de escravos. Longe de terem sido apenas animais de tração e operários de enxada, a serviço da agricultura, desempenharam uma função civilizadora. Foram a mão direita da formação agrária brasileira, os índios, e sob certo ponto-de-vista, os portugueses, a mão esquerda (...)
O Brasil não se limitou a recolher da África a lama de gente preta que lhe fecundou os canaviais e os cafezais; que lhe amaciou a terra seca; que lhe completou as manchas de massapé. Vieram-lhe da África “donas de casa” para seus colonos sem mulher branca; técnicos para as minas; artífices de ferro; negros entendidos na criação de gado e na indústria pastoril; comerciantes de pano e sabão; mestres sacerdotes e tiradores de rezas maometanos. (pp. 152-153).*

Para Freyre, a questão que se impõe, por outro lado, é a de considerar a influência do negro na vida íntima do brasileiro, nunca dissociado de sua condição de escravo. Essa influência que não está associada à raça, mas ao sistema social escravista, “*da capacidade imensa desse sistema para rebaixar moralmente senhores e escravos*”. Em resposta aos estudos de Nina Rodrigues, Freyre afirma que do escravo não se poderia esperar outra coisa senão um comportamento imoral. O negro foi desenraizado do seu meio social e da família, solto em um ambiente onde imperaram a hostilidade e a ação de forças dissolventes. Sendo assim, o comportamento de escravo é singular, independente da raça.

Alguns dos defeitos que se alega serem inerentes aos negros e transmitidos ao brasileiro são o erotismo, a luxúria e a depravação sexual:

É absurdo responsabilizar-se o negro pelo que não foi obra sua nem do índio, mas do sistema social e econômico em que

funcionaram passiva e mecanicamente. Não há escravidão sem depravação sexual. É da essência mesma do regime. Em primeiro lugar, o próprio interesse econômico favorece a depravação, criando nos proprietários de homens imoderado desejo de possuir o maior número de crias. Joaquim Nabuco colheu num manifesto escravocrata de fazendeiros as seguintes palavras, tão ricas de significação: “a parte mais produtiva da propriedade escrava é o ventre gerador” (p.360).

Segundo Gilberto Freyre, a casa-grande é na verdade o centro da depravação resultante da condição econômica do senhor, o conquistador, no seu permanente ócio e que se enriquece sem trabalho. Não tendo como se defender, a escrava negra era obrigada a se prostituir aos domínios do senhor e a se entregar à violência (e à sífilis). *“No interesse da procriação à grande, uns; para satisfazerem caprichos sensuais, outros”* (p.364). Para Freyre, a *pegajenta luxúria* constitutiva do espírito de cada brasileiro resulta do sistema econômico que dominou o país por muito tempo e, talvez, pelo clima. Neste sentido, as condições socioeconômicas foram favoráveis ao sadismo e ao masoquismo, numa divisão da sociedade entre senhores poderosos e escravos passivos. O negro, em sua condição de escravo e na constante submissão de seu corpo, foi despojado de sua liberdade e tratado com sadismo e violência pelos senhores.

A senzala, por outro lado, transferiu à casa-grande a honra da mãe-preta e todas as qualidades ligadas à *confraternização de valores e de ensinamentos. Predominantemente coletivistas, os vindos das senzalas; puxando para o individualismo e para o privatismo, os das casas-grandes.* Esta confraternização tolerada *pela religião católica é que possibilitou a aproximação e a assimilação dos senhores a alguns hábitos dos seus escravos e desta sorte o superior e o inferior se aproximam* (p.360). Em uma religião que impusesse valores éticos, tal como o puritanismo, não seria possível tal aproximação. Apesar da imposição violenta de valores estranhos ao negro, a religião católica não se alienou de certa liberdade. A possibilidade de o negro se negar a seguir a religião católica, ou de se permitir adaptar a essa religião,

aos seus costumes, substancializou o sincretismo religioso, e também contribuiu para tal aproximação:

Vê-se quanto foi prudente e sensata a política social seguida no Brasil com relação ao escravo. A religião tornou-se o ponto de encontro e de confraternização entre as duas culturas, a do senhor e a do negro; e nunca uma intransponível ou dura barreira (p.397).

A mulher negra, dentro do regime escravista, não era requisitada somente para o trabalho e para fins amorosos. Fazia parte de suas funções, servir de ama-de-leite e de mãe de criação dos recém-nascidos. Para Freyre, a dualidade existente entre casa grande e senzala, dois mundos separados, deixa de existir a partir da aliança entre ama negra e o menino branco. Todavia, “*não foi possível separar os cacos de vidro de preconceitos puristas forças que tão freqüente se confraternizavam*” (p.376).

A relação ao mesmo tempo de distância e de proximidade – distância marcada pela diferença entre senhores e escravos; e proximidade, marcada pela participação dos escravos na vida íntima da família patriarcal – revela um tipo de ação de reciprocidade. Mesmo diante de toda uma estrutura onde subsista a dominação de uma classe sobre outra, concomitantemente haverá uma relação de “amabilidade” entre estas duas classes. Da soma entre as diversas raças, existe uma troca de traços nos quais imperam as qualidades da classe dominada, na maneira como esta conseguiu se adaptar a uma cultura estranha à sua e, ao mesmo tempo, empregar traços de sua cultura: o modo manso de falar, *sem aspas nem grifos*. Disto resulta a singularidade do brasileiro. Uma particularidade produzida por um antagonismo e que ao mesmo tempo se apresenta tão fraterna:

A força, ou antes, a potencialidade da cultura brasileira parecem residir toda na riqueza dos antagonismos equilibrados (...) Não que no brasileiro subsistam, como no anglo-americano, duas metades inimigas: a branca e a preta; o ex-senhor e o ex-escravo. De modo nenhum. Somos duas metades confraternizantes que se veem mutuamente enriquecendo de valores e experiências diversas; quando nos completarmos

num todo, não será com o sacrifício de um elemento ao outro (p.378).

Considerando este aspecto, em Gilberto Freyre a violência que aparece como a base da relação entre as duas classes, já que o escravo negro estava submetido às ordens do senhor, é base também para algo ainda maior, algo que perpassa o âmbito das casas-grandes e se confunde com a esfera pública. Os antagonismos equilibrados são a princípio tomados a partir das casas-grandes, contudo, quando transportados à ideia de identidade cultural de uma nação, se transformam em modelos operantes em toda sociedade. Em modelos como o da família patriarcal brasileira, a violência aparece como uma forma de negociação, sendo o corpo o componente mais visado. Sem que haja um controle ético que vise atenuar a ação dos senhores, subsiste o tipo da relação sem regras e qualquer autoridade superior. Existe uma liberdade que torna “os senhores de escravos” ainda mais despóticos, uma vez que é permitido agir de acordo com seus interesses e do modo mais conveniente. É desta forma que a ideia de antagonismos equilibrados revela o tipo de relação na qual consegue apenas aproximar e equilibrar, mas nunca dissolver, tantos quantos forem os antagonismos existentes nas diversas casas-grandes. Sendo assim, ocorre uma aproximação entre opostos e uma separação entre iguais (uma vez que, existe um confronto de leis individuais), mas sem que se torne uma totalidade estável e segura, que esteja presente automaticamente nas partes integrantes.

A miscigenação e o tipo de sistema que operou no país são fundamentais para esta singularidade nacional e, portanto, traços adotados por Gilberto Freyre como positivos, já que permitem a preservação da integridade nacional. O conflito existe, mas não, a possibilidade de dissolução da sociedade.

Para compreender a modernidade nacional, a obra de Gilberto Freyre é atual. *Casa Grande & Senzala* é uma referência para o entendimento do tipo de poder político que ainda se faz sentir no país. A sociedade brasileira tem a democracia, contudo, sem permitir-se exercitar a cidadania. Em uma análise tal

como *Casa Grande & Senzala*, ser cidadão não significaria o indivíduo estar diante da igualdade de direitos sociais e econômicos, mas sim, ser apenas um eleitor que vota em um candidato cujo poder se exerce conforme lhe apraz, segundo seus interesses. O poder público é particularizado e a forma como é exercido é mediado pela violência, ora violando o patrimônio público, ora violando as vidas particulares. Os corpos individuais estão costumeiramente sendo violados, seja por meio da negação do direito dos indivíduos a se alimentarem, seja por meio da força organizada e institucionalizada, do próprio Estado.

REFERÊNCIAS:

ARAÚJO, Ricardo Benzaquen de. **Guerra e paz : Casa-Grande & Senzala e a obra de Gilberto Freyre nos anos 30**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1994.

FREYRE, Gilberto. **Casa Grande & Senzala**. Rio de Janeiro: Ed. Guanabara, 1976.